



# ***A MENSAGEIRA*: UMA REVISTA BRASILEIRA FEMINISTA DO SÉCULO XIX**

***A MENSAGEIRA*: A 19TH CENTURY BRAZILIAN FEMINIST MAGAZINE**

**Elisa Capelari Pedrozo\***

\* [elisacapelarip@gmail.com](mailto:elisacapelarip@gmail.com)  
Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista PROSUC/CAPES modalidade I, orientada pela Profa. Dra. Cinara Ferreira Pavani. Mestre em Letras e Cultura (2020) e Licenciada em Letras (2018) pela Universidade de Caxias do Sul.

**RESUMO:** Este estudo investiga o conteúdo de *A Mensageira*: revista dedicada à mulher brasileira (1897-1900), organizada por Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944), a fim de contribuir para as pesquisas sobre a Imprensa Brasileira Feminista na História da Literatura. Inicialmente, resgata-se a origem dos periódicos no país, bem como o perfil de leitores oitocentistas. Na sequência, examina-se *A Mensageira*, mapeando suas características tipográficas, seções, gêneros literários e principais autores. Destaca-se sua relevância social, visto que o impresso privilegiou a contribuição letrada feminina. Para cumprir o objetivo proposto, dispõe-se de aporte teórico oriundo dos Estudos de Gênero e da História da Imprensa, além de fontes históricas e documentais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imprensa feminista brasileira do século XIX; *A Mensageira*; Presciliana Duarte de Almeida.

**ABSTRACT:** This study explores the purport of *A Mensageira*: revista dedicada à mulher brasileira (1897-1900), organized by Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944), in order to increase with the research on the Brazilian's Feminist Press in the literature's history. At the beginning, the origin of periodicals in the country was rescue, as well as the profile of 19th century readers. After that, The Messenger is examined, checking the typographic's characteristics, sections, literary's genres and main authors. Its social relevance is standed out, since the printed content privileged the female's literature contribution. In order to fulfill the proposed objective, there is a theoretical contribution from Gender Studies and the History of the Press, in addition to historical and documentary sources.

**KEYWORDS:** 19th century brazilian feminist press; *A Mensageira*; Presciliana Duarte de Almeida.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No Brasil, a revista tornou-se moda ao longo do século XIX, devido à conjuntura propícia do período: o avanço técnico das gráficas; o aumento da população leitora; o alto custo dos livros. Destarte, esse gênero foi condensado numa publicação com diferentes informações, intermediando o jornal e o livro. Conquistou-se o leitor do noticiário ligeiro e seriado, pelo valor acessível do impresso e a configuração leve, poucas folhas e leitura entremeada de imagens. Enquanto isso, o jornal caminhou para a veiculação diária, e a revista, de elaboração cuidadosa, aprofundou seus temas, limitando-se a periodização semanal, quinzenal, mensal, trimestral, semestral e até anual.

Amplamente utilizada pelos periódicos, a ilustração foi um marco na trajetória do gênero. Enriqueceu as publicações oitocentistas e transformou-as em objetos atraentes, acessível ao público menos afeito a ler. Naquele cotidiano distante e defasado em comparação à imprensa estrangeira, Antonio Luiz Cagnin (1994) acentuou o referencial imagético de então na capital paulista. A modalidade revista ilustrada atingiu além da elite, passou a ser preferência da população leitora. Nessa esteira, surgiram o *magazine*, alternativa de revista que propagandeava bens de consumo, e os *hebdomadários*<sup>1</sup>, impressos que aceleravam a periodicidade das revistas.

Janice Gonçalves (1995) estima que houve por volta de 452 oficinas tipográficas em São Paulo entre 1850 e 1900. No entanto, a valorização do periódico revista não aconteceu imediatamente, porque a modalidade de caráter fragmentado, leitura não contínua, e alta periodicidade é um tipo de publicação frágil, só reconhecida quando divulga artigos originais de crítica e análise de determinados assuntos. (Rocha, 1985). Antes disso, o conteúdo do impresso era esquecido, e apenas os bibliófilos, os estudiosos e certos interessados pelas letras e pelas artes guardavam-no. Seus objetivos variaram com o passar do tempo, condicionados às circunstâncias históricas de circulação. Nesse sentido, a partir do cenário cultural oitocentista, o foco deste estudo é investigar o impresso *A Mensageira*, organizado por Presciliana Duarte de Almeida, mapeando suas características tipográficas, seções, gêneros literários e principais autores.

### A MENSAGEIRA: ASPECTOS TIPOGRÁFICOS

O periódico *A Mensageira*: Revista literária dedicada à mulher brasileira<sup>2</sup> foi lançado dia 15 de outubro de 1897, na cidade de São Paulo (SP). Suas atividades estenderam-se até 15 de janeiro de 1900, data do último número entregue por Presciliana Duarte de Almeida ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 20 de maio de 1902. Essa instituição forneceu o material ao Arquivo do Estado da

1. Publicação de cunho informativo técnico e político que aparece regularmente a cada semana. (MARTINS, 2008).

2. Optou-se por atualizar a ortografia.

Secretaria da Cultura de São Paulo, e os originais fizeram parte do programa editorial da Imprensa Oficial do Estado, reproduzidos nos volumes fac-similares I e II, em 1987. Ao todo, somam-se 36 edições, com periodicidade que variou de semanal à mensal<sup>3</sup>. No ano I<sup>4</sup>, com sede na Rua dos Estudantes, número 23, publicaram-se 24 exemplares, e, no ano II<sup>5</sup>, em novo endereço, na Rua Santa Efigênia, número 57, 12 exemplares.

Entre 30 de setembro de 1898 e 15 de fevereiro de 1899, respectivamente, o primeiro e o segundo ano de *A Mensageira*, houve um intervalo de impressões. A interrupção da revista deu-se em virtude da perda repentina do filho mais novo da diretora Presciliana Duarte de Almeida, Bolívar. Na coluna “Carta ao Rio” do número 25, Maria Clara da Cunha Santos informa o fato:

[...] formoso lírio que enchia de alegria o seu lar e de esperanças o seu coração – abalou-a fortemente, como é de se imaginar. Por esse motivo, aliás muito justo, esta revista suspendeu por 4 meses, sua publicação. E se hoje reaparece, vem provar a força de vontade, a digna energia de sua diretora, que continua a trabalhar e a lutar, tendo embora o coração dilacerado de dor, pela mágoa sem consolo, pela saudade inextinguível, de separação eterna de um filhinho idolatrado... (Santos, 1987, p. 1).

Por sua relevância como fenômeno literário, essa lacuna de publicações não prejudicou o andamento do periódico. Após a pausa, as edições continuaram a ser comercializadas dentro e fora do Brasil.

Possivelmente, a produção de *A Mensageira* e os demais impressos voltados para as mulheres oitocentistas tiveram como referência a materialidade dos primeiros romances. Segundo Mônica Yumi Jinzenji (2008), verificam-se em gravuras do século XVIII que elas estavam acostumadas a bibliografia produzida em formato reduzido, uma vez que as jovens são retratadas portando pequenos livros. Apesar de serem um pouco maiores do que as obras *in octavo*<sup>6</sup>, a dimensão de suas páginas assemelhava-se a uma folha dobrada ao meio (20cm x 24cm). No período, Robert Darnton (1996) pontua que o papel era o elemento mais dispendioso para a tipografia, representando cerca de 75% do custo total. Dessa maneira, compensou-se a pequenez do tamanho com o número de folhas. *A Mensageira* possuía entre dezesseis e vinte páginas.

A paginação de *A Mensageira* era contínua ao longo das edições, ao contrário de outros jornais que enumeravam as folhas a cada novo volume. Supõe-se que o conjunto de edições da revista seria encadernado, em um pequeno livro, no final de cada ano. O exemplar 24 informa que,

3. A única discrepância temporal foi o intervalo de quarenta e cinco dias entre os exemplares 30, 15 de julho de 1899, e 31, 31 de agosto de 1899.
4. Compreende o período de 15 de outubro de 1897 a 30 de setembro de 1898.
5. Compreende o período de 15 de fevereiro de 1899 a 15 de janeiro de 1900.

6. As dimensões dos livros costumavam ser divididas em três tamanhos: os *in folio* eram os maiores, duas folhas; os *in quarto* eram os médios, tinham as folhas dobradas duas vezes; os *in octavo* eram os pequenos, dobravam-se três vezes as folhas (16,5cm x 10,5cm). (MARTINS, 2008).

“para facilitar aos colecionadores o meio de manusear esta revista, publicamos hoje o índice das matérias contidas no primeiro ano” (Almeida, 1987, p. 379). Essa prática foi recorrente também para a imprensa europeia. Originalmente, os panfletos e periódicos parisienses em formato *in octavo* não eram concebidos como jornais, mas como folha de novidades, cuja formatação menor tornava-os mais convenientes ao agrupamento, sem necessitar de um equipamento especial para juntar os números. (NEVES, 1998).

A paginação sequencial reforçava a constância na obtenção dos exemplares. De acordo com Martins (2008), as práticas de venda dos impressos desse tipo se faziam compatíveis com o nível de seus consumidores, um grupo social cosmopolita. Por isso, a assinatura foi a principal tática, garantia de sobrevivência da publicação. No período, angariavam-se assinantes com um mecanismo impositivo, o envio descompromissado de uma edição para a apreciação. Caso o indivíduo não a devolvesse, considerava-se a assinatura aceita. (Cruz, 1994). A aquisição do plano anual de *A Mensageira* custava R\$ 12.000 (doze mil réis), e o volume individual saía por R\$ 1.000 (mil réis), valores indicados na capa da revista. Esses custos de impressão eram determinados em função do acabamento gráfico.

Na época, reforçava-se a colocação da revista, vendendo-a em locais físicos. *A Mensageira* foi comercializada de forma avulsa em pontos estratégicos de São Paulo, Casa Garraux e Livraria Brazil<sup>7</sup>, e do Rio de Janeiro, Casa de Músicas de Julia Filippone<sup>8</sup>. De mão em mão, a publicação difundiu-se, especialmente, em círculos de amigos que frequentavam as poucas livrarias disponíveis. Ainda, gozava de representação em Paris, por Mme. Blanche Xavier de Carvalho, no endereço Boulevard de Clichy, número 16, e no Rio de Janeiro, pela colaboradora Maria Clara da Cunha Santos, no endereço Rua Conde Bomfim, número 12A. Essas agentes tinham a incumbência de divulgar e vender assinaturas para o periódico.

Do mesmo modo que em outros impressos, anunciava-se a cobrança da anuidade, solicitando que se efetuassem o pagamento. “Aos nossos assinantes, tanto desta capital como de fora, rogamos o obséquio de nos enviarem a importância de suas assinaturas até o fim do mês, antecipando-lhes por essa fineza a nossa gratidão” (Almeida, 1987, p. 48). Em razão da dimensão de circulação, estima-se que *A Mensageira* tivesse grande número de leitores, tanto em cidades paulistanas como em outras localidades do país. No estado de São Paulo, esteve presente em 15 municípios: Araraquara, Bananal, Batatais, Bauru, Caçapava, Campinas, Franca, Igarapava, Jaguari, Pindamonhangaba,

7. Rua Moreira Cesar, número 80. (Almeida, 1987).

8. Rua Moreira Cesar, número 93. (Almeida, 1987).

Ribeirão Preto, Santos, São Carlos do Pinhal, São Paulo e Varginha. Além de chegar aos seguintes estados, por conta dos jornais enviados à revista: Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Uma maneira de divulgar *A Mensageira* foi a permuta realizada entre os órgãos da imprensa, associações literárias e culturais. Baseado nas seções “Notas pequenas”, catalogaram-se todos os periódicos, livros e músicas citadas nas 36 edições da revista. Entre eles, averiguou-se que *A Mensageira* foi mencionada em 46 jornais ou cartas, recebeu 12 obras, 5 canções e 82 impressos, oriundos de 9 estados, a saber, Alagoas (2), Bahia (4), Minas Gerais (17), Pernambuco (1), Rio de Janeiro (17), Rio Grande do Sul (6), Rio Grande do Norte (1), São Paulo (27) e Sergipe (2). Entretanto, não é possível indicar uma lista nominal de assinantes, porque não é fornecida pela revista<sup>9</sup>. Mas, no último volume de cada ano, costumava-se agradecer pelo auxílio dos colaboradores.

Ademais, a imprensa oitocentista enfrentou dificuldade para cumprir os prazos editoriais, porque o processo de produção periódica demandava muitas etapas. Contudo, a Tipografia Brasil de Carlos Gerke & Companhia, oficina tipográfica a vapor da cidade de São Paulo, editou e

imprimiu pontualmente os exemplares de *A Mensageira*. Naquele tempo, dispunham-se de poucos operários, e um compositor era capaz de ordenar até 1.200 caracteres por hora, mais ou menos uma folha *in octavo*. (Minard, 1992). Assim, visto que o jornal tinha em média 18 páginas, levavam-se dias até que sua formatação ficasse pronta.

Na capital paulista, o gráfico era um dos raros profissionais especializados. O ofício de imprimir letras e criar o impresso foi a porta de entrada para talentos literários que não logravam outra forma de acesso aos ambientes letrados. Machado de Assis ilustra o segmento, iniciou a atividade de tipógrafo aos 16 anos na Imprensa Nacional, órgão do governo, em 1857. O aprendizado na empresa garantiu-lhe a profissão e aproximou-o da classe intelectual. Porém, o serviço manual era árduo e exaustivo, uma vez que se instalavam as tipografias em cômodos exíguos. (Figueiredo, 1933). A sobrecarga de trabalho podia fazer com que os operários<sup>10</sup> trabalhassem em dias santos e feriados.

Quanto ao aspecto tipográfico de *A Mensageira*, observam-se detalhes minuciosos: o apelo visual da capa do primeiro número, composta pelo cabeçalho de arabescos, o título com letras de tema floral, o nome da diretora, o local de origem, a tipografia e o rodapé, enquadrando

9. Consoante Morel (2005, p. 212-213), “parece ser mais plausível acreditar que as vendas avulsas (quando o anonimato era preservado) teriam peso quantitativo maior e preservavam os leitores”.

10. Maria Nazareth Ferreira (1979) assente que, na bibliografia das lutas sociais do Brasil, a União dos Trabalhadores Gráficos, em 1890, foi o primeiro movimento reivindicatório da classe operária nacional.

uma pequena imagem primaveril, representa um rótulo para a revista, pois reúne características e atrativos que oportunizam ao leitor decidir ou não comprá-la. Para Tarcísia Maria Travasso de Aguiar (2012), a capa é um texto que tem propósitos comunicativos próprios, funciona na forma de leque de perspectivas e expectativas. Marca dentro de um determinado contexto ou comunidade o seu gênero, valorando a forma textual. (Miller, 2009). O que distingue a revista do jornal, geralmente diário, é o aspecto in folio e a existência de capa. (Martins, 2008). A figura 1 reproduz a referida página.

No âmbito jornalístico, alguns elementos da capa podem ser considerados fixos, os aparatos de edição. (Bazerman, 1994). Em *A Mensageira*, repete-se o cabeçalho dos volumes 2 ao 36<sup>11</sup>. Nele identifica-se a cidade de São Paulo, a data de impressão, o ano, o número, a direção, a periodicidade e o valor. Todavia, a fotografia é um elemento variável que compõe alguns exemplares do *corpus* analisado, embeleza, anuncia o conteúdo e remete ao leitor às páginas dos cadernos internos. (Aguiar, 2012). Esse recurso esteve presente em cinco volumes. São eles: v. 23, foto de Maria Clara da Cunha Santos; v. 26, foto de Áurea Pires; v. 27, foto de Mme. Dreyfus; v. 29, foto de Júlia Lopes de Almeida; v. 30, foto de Dr. Cândido Espinheira. Quando isso ocorreu, o sumário da revista passou para a



Figura 1  
Fotocópia da capa do primeiro volume de *A Mensageira*.

\*Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional acessado na Hemeroteca Digital em 12 de março de 2020.

11. O número 1 diferencia-se dos demais porque, além de possuir a capa mostrada na figura 1, tem esse cabeçalho da revista na primeira página.

página seguinte. Normalmente, inseria-se após o cabeçalho. Ainda, *A Mensageira* apresentava em suas páginas pequenas vinhetas de flores e insetos.

### 3 A MENSAGEIRA: SEÇÕES

Bernard Miége (2009) traça um percurso evolutivo da história da imprensa, dividindo-a em modelos explicativos, de acordo com a transformação do espaço e do público. Desse modo, *A Mensageira* enquadra-se no que ele chamou de imprensa de opinião, artesanal, com tiragem reduzida e texto opinativo. Já Ciro Marcondes Filho (2001) estabelece cinco épocas diferentes da imprensa: Pré-história do Jornalismo (1631-1789), caracterizada por uma economia elementar, forma semelhante ao livro e produção artesanal; Primeiro Jornalismo (1789-1830), caracterizada pelo conteúdo literário e político, com economia deficitária, texto crítico e comandada por escritores, intelectuais e políticos; Segundo Jornalismo (1830-1900), chamada imprensa de massa, caracterizada pela criação de manchetes e reportagens, consolidação da economia empresarial, início da profissionalização dos redatores e utilização da publicidade; Terceiro Jornalismo (1900-1960), chamada de imprensa monopolista, caracterizada por grandes tiragens, influência das relações públicas e fortes grupos editoriais que controlaram o mercado; Quarto Jornalismo (1960 em diante), caracterizada pela

informação eletrônica e interativa, com ampla utilização da tecnologia, mudança das funções do jornalista, velocidade na transmissão de informações, valorização do visual e crise da imprensa escrita. De 1830 a 1900, período em que a revista circulou, estava vigente o Segundo Jornalismo, marcado pelo início da profissionalização do escritor.

Fundamentado na classificação de Marcondes Filho (2001), entre os séculos XVIII e XIX, a literatura influenciou o periodismo. Foi quando os autores tomaram conta dos jornais e descobriram a força de um novo leitor, capaz de influir na linguagem e no conteúdo dos impressos. Nesse ínterim, eclodiu uma modalidade de jornalismo, movido por escritores que desempenharam múltiplas funções, editores, articulistas e poetas. Publicar narrativas literárias aumentou consideravelmente a venda de periódicos.

A inserção de literatura nas páginas das revistas significou “potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania e romper as correntes burocráticas da lide<sup>12</sup>” (Pena, 2006, p. 6). Sobretudo, uma das preocupações do jornalismo literário<sup>13</sup> era contextualizar a informação de maneira

12. Trata-se do conceito de cientificidade, que ameniza a influência do subjetivo na reportagem jornalística.

13. Também intitulado como literatura da realidade e literatura criativa de não ficção. (LIMA, 2020).

abrangente, pensando em como a sua abordagem poderia contribuir na formação do sujeito.

Para Felipe Pena (2005), ao contrário das reportagens cotidianas que logo caem no esquecimento, essa tendência não pode ser vista como efêmera ou superficial, pois permanece no imaginário coletivo e individual ao longo do tempo. A qualidade de *A Mensageira* atraiu uma série de talentos que ousaram ultrapassar o limite das redações tradicionais, na verdade, a maioria das mulheres nem chegou a frequentá-las. Assim, a revista oportunizou a entrada dessas senhoras no ambiente letrado.

Doravante, a produção de *A Mensageira* será classificada por tipologias<sup>14</sup>, gêneros textuais e seções, para depois identificarem-se os autores que contribuíram com o impresso e as temáticas recorrentes em seus textos. A partir das estruturas formais dos escritos, agruparam-nos em cinco tipos, sendo: citação (citação); informativo (notícia); narrativo (conto); opinativo (artigo, carta, crônica, editorial e resenha); poema (poema). Observa-se que dentro de algumas dessas categorias aparece mais de um gênero, isso ocorre porque, apesar de os textos estarem sob rótulos diferentes, possuem características semelhantes<sup>15</sup>. Para esclarecer essa separação, no quadro 3, visualiza-se o número total de textos pertencentes a cada estilo apresentado em *A Mensageira*.

QUADRO 3 – QUANTIFICAÇÃO GERAL DE TIPOLOGIAS PUBLICADAS EM *A MENSAGEIRA*

TIPOS	QUANTIDADE
Citação	74
Informativo	158
Narrativo	42
Opinativo	131
Poema	189

\*Fonte: Quadro elaborado pela autora

O tipo citação compreende trechos que aproximam o leitor da literatura canônica, contribuindo para a formação de seu imaginário cultural. Integram a seção “Seleção”, presente em 26 edições de *A Mensageira*, números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 15, 16, 18, 20, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35 e 36. Ao todo, são 48 excertos de 39 autores brasileiros e internacionais, como Bernardo Guimarães, Castro Alves, Victor Hugo, Mme. de La Fayette, Julia Lopes de Almeida e Maria Amália Vaz de Carvalho. Sublinha-se uma citação do livro *Brasileiras Célebres* (1862), escrito por Joaquim Norberto de Souza Silva e publicada no volume 1 do periódico:

Quantas senhoras dignas de serem lembradas por títulos gloriosos não baixariam ao túmulo com seus nomes? Por muito contribuiu uma acanhada e mesquinha educação para que morressem em esquecimento muitas senhoras brasileiras, e

14. Designam uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística predominante em sua composição – aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais e relações lógicas. (MARCUSCHI, 2003).

15. São os princípios linguísticos organizadores desses textos.



mal entendida modéstia obstou que vissem a luz da publicidade algumas composições e traduções que talvez emparelhassem com a de nossos melhores literatos. E ainda hoje quantos homens ignorantes não têm por incompatível com o melindre do sexo feminino a mais inocente das obras inspirada pela mais nobre das paixões, e não vêm na sua publicação um comprometimento? Resultou o que se devia esperar: – a perda de numerosas composições e daí o não serem conhecidas senão pelo seu nome as poetisas mineiras, D. Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira, esposa do célebre poeta Alvarenga Peixoto, que se finou no exílio, e D. Maria dita, por antonomásia, das Contendas, por causa de sua beleza e outras muitas (Silva, 1987, p. 14).

O trecho de J. Norberto retrata a problemática da figura feminina nos oitocentos. A maioria dessas mulheres recebeu um ensino modesto, que não incentivava sua emancipação. Consequentemente, quando desejaram aventurar-se na literatura, sofreram duras críticas do público masculino, que desmereceu o lirismo de seus textos, julgando-os sem qualidade. Em terras mineiras, por exemplo, inúmeras foram as escritoras e composições relegadas ao esquecimento, com exceção da tia-trisavó de Presciliana Duarte de Almeida, D. Bárbara Heliadora Guilhermina Silveira.

O tipo informativo abarca o gênero notícia, que além de relato noticioso, inclui a nota e a reportagem factual. Eles

aparecem em duas diferentes seções, “A Mensageira” (18) e “Notas pequenas” (140), ambas sem autoria divulgada. Ao que tudo indica, são de responsabilidade da organizadora, Presciliana Duarte de Almeida.

A coluna “A Mensageira” noticia as menções à revista e agradece a recepção da imprensa brasileira, cuja publicação inaugural informa que será um espaço para transcrições de trechos sobre *A Mensageira*. Posto isso, veicula o que foi escrito no jornal *Imparcial*, de São Paulo:

Damos-lhe o lugar de honra, não porque se trata de uma revista dirigida por senhoras – pois que isso não constitui por si só uma primazia literária – mas porque estamos em frente de uma obra que tem o elevado escopo de reunir, educar e enobrecer a mulher brasileira. Salve, D. Presciliana Duarte de Almeida... Nós vos saudamos como excelente missionária do bem, fazendo votos sinceros para que esse nobre espírito veja rasgados e azuis esses horizontes esplêndidos... Não seremos nós que vos levantaremos obstáculos; não... Havemos, pelo contrário, de vos dulcificar a via dolorosa, já que tereis de encontrar a traição dos invejosos, o fel dos estúpidos e o chasco dos indiferentes, nesse caminho para o calvário dos iluminados. Mas avante, que o ideal é nobilíssimo, é grandioso, tanto mais que raríssimos povos se poderão amoldar tanto a doce ação empolgante da mulher como nós. Avante, pois! (*Imparcial*, 1987, p. 31-32).

A coluna “Notas pequenas” contém informações sucintas. São relatos noticiosos que narram fatos de forma isolada para os leitores. (Stancki, 2018). A grande maioria das notícias relacionam-se ao sujeito feminino. Entre as temáticas veiculadas estão: a) belas artes, destacando a entrada de uma professora francesa de desenho gráfico, no quadro de docentes do museu de história natural, em Paris, “a primeira vez que uma mulher é chamada a exercer funções tão notoriamente oficiais, em um posto para o qual não faltaram candidatos masculinos” (Almeida, 1987, p. 207); b) caridade, como a visita a Maternidade de São Paulo, fundada pela Dra. Maria Renotte e mantida por doações de paulistanas, “o primeiro estabelecimento dessa ordem na América do Sul. Enorme capricho, irrepreensível asseio e tudo o que a higiene moderna exige para uma instituição com semelhante destino, fazem daquela casa um verdadeiro templo de amor e piedade” (Almeida, 1987, p. 63); c) educação feminina, ao exemplo da primeira senhora a se matricular na Faculdade de Direito de São Paulo, “que no curso de preparatórios obteve distinção em todas as cadeiras, Exa. Sra. D. Maria Augusta Saraiva” (Almeida, 1987, p. 174); d) feminismo, acompanhando a conquista do movimento na Alemanha, quando Luiza Otto “recomeçou a campanha, e entre os seus sucessos nota-se a fundação da ‘Associação geral das senhoras alemãs’, para elevar o nível de cultura feminina e tolher

qualquer obstáculo ao seu trabalho” (Almeida, 1987, p. 167-168); e) imprensa, ao prestigiar a primeira folha diária francesa “exclusivamente dirigida, administrada, escrita e tipograficamente composta por mulheres. Intitula-se *La Fronde* e tem como diretora uma senhora de notável espírito e grande distinção, Mme. Dervoud de Valfire” (Almeida, 1987, p. 127-128); f) literatura, feito a recomendação da obra “*Ele* – Título de um novo romance da distinta escritora portuguesa Claudia de Campos. Este livro, que acaba de ser impresso em Portugal, não chegou ainda ao Brasil, segundo cremos, o que, porém, já chegou é a sua fama de trabalho primoroso, destinado a êxito brilhante” (Almeida, 1987, p. 115); g) obituário, marcando a partida de escritoras renomadas, “no cemitério dos Prazeres, em Lisboa, realizou-se com grande solenidade a transladação dos restos mortais de Guiomar Torrezão, do jazigo onde permaneceram por empréstimo para o jazigo das famílias Costa e Torrezão” (Almeida, 1987, p. 15).

O tipo narrativo engloba o gênero conto. Em *A Mensageira*, publicaram-se 42 contos de 19 escritores. Entre eles sublinha-se a assiduidade de Maria Clara da Cunha Santos com 12 narrativas, Julia Lopes de Almeida com 6 narrativas e, respectivamente, Dolores Alcântara Araújo, Francisca Clotilde, Ignez Sabino, Ipoméa, Pelayo Serrano e Ridelina Ferreira com 2 narrativas cada.

O tipo opinativo reúne os gêneros artigo, carta, crônica, editorial e resenha. José Marques de Melo (2003, p. 73) assente que os jornais brasileiros se inseriram na sociedade como um aparato ideológico, “influenciando pessoas, comovendo grupos, mobilizando comunidades, dentro das condições que marcam” o contexto histórico. Em *A Mensageira*, há filtros opinativos na escolha das pautas, como a homenagem à Mme. Dreyfus no v. 27<sup>16</sup>, coberturas e fontes. Também, observa-se intencionalidade na disposição dos conteúdos, como o desaparecimento da coluna “Crônica omnímota”, no uso de títulos e chamadas e na escolha de determinados vocábulos típicos do posicionamento feminista.

O gênero artigo é o estilo de redação mais popular dos jornais nacionais. *A Mensageira* possui 42 artigos de 28 articulistas. Destacam-se Delminda Silveira com 4 textos, Elmano do Val com 4 textos e Silvio de Almeida com 3 textos. Os artigos não estão atrelados a uma seção da revista, foram dispostos aleatoriamente. Nota-se que a temática predominante é a condição feminina, no que tange à educação e à literatura produzida por mulheres. Aqui, cabe enfatizar o texto “Observações: sobre a educação em geral (Mocidade)”, de Delminda Silveira, publicado no exemplar 19:

Tenho ouvido a certos homens, uns, pais de família, outros noivos apenas, estas frases que me fazem pensar “minha esposa, minhas filhas jamais frequentarão bailes...”. E eu fico-me a cismar que oculto perigo haverá para uma senhora, ou moçinha em meio de uma sociedade decente e bem escolhida?... Esse receio será pela parte das damas ou dos cavalheiros? A boa educação e a séria delicadeza impõem sempre o respeito, mormente quando essa cortesia vem da parte de uma senhora. Quanto aos ébrios e loucos, creio ser-lhes interceptada a entrada em um salão; os jovens corrompidos, esses, ainda que no mundo ostentem todo o seu cinismo, nunca se atreverão a patenteá-lo ante a circunspeção de uma mulher honesta e bem educada (Silveira, 1987, p. 289-290).

A autora critica a atitude masculina de impedir que suas filhas ou noivas frequentem os bailes, argumentando que uma sociedade séria não precisa se preocupar com qualquer leviandade. “Oh, – educai a mulher – e todo esse perigo de salão, como muitos outros ainda, desaparecerá [...] A cultura intelectual amplificando os horizontes da inteligência, dará à mulher a luz suficiente para poder bem discernir, e ela saberá então aproveitar os conselhos” (Silveira, 1987, p. 290-291). Delminda Silveira conclui dizendo que é dever da família educar uma moça para a sociedade e não a tratar como um objeto, enchendo-a de adornos a fim de atrair um pretendente.

16. Presciliana dedica uma edição à esposa de Alfred Dreyfus, criticado na “Crônica omnímota” do número 11.

O gênero carta é um texto que possibilita ao leitor de um jornal dialogar com o responsável ou com os demais leitores. Em *A Mensageira*, somam-se 35 cartas, assinadas por 5 escritores. Maria Clara da Cunha Santos deu vida à seção “Carta do Rio”<sup>17</sup>, presente em 30 edições do periódico. Essa coluna aborda questões ligadas ao seu contexto de produção, a capital do Brasil, e a temáticas sociopolíticas nacionais, como a abolição da escravatura, na edição 16:

Maio, o mês da Nossa Senhora, encerra em si a mais gloriosa data da história do Brasil – o dia 13 – o grande dia de redenção dos cativos. Meu coração volta-se agradecido para o passado e o vulto simpático e bondoso da princesa Isabel vem, docemente, receber os aplausos de meu entusiasmo sincero. Vejo-a como uma carícia materna, há 10 anos passados, quando ela assinou a áurea lei, que redimia uma raça, por tantos anos, egoisticamente, usurpada pela outra (Santos, 1987, p. 244-245).

Maria Clara reconhece que a emancipação dos cativos foi uma luta iniciada por José do Patrocínio, bravo defensor dos fracos. Nesse sentido, lembra-se de André Rebouças, engenheiro e abolicionista que faleceu em Madeira, Portugal, fiel companheiro de seu esposo na campanha da

abolição. Por sua vez, a carta do número 11 mostra a dura realidade enfrentada por uma escrava alforriada:

Conheço uma pobre lavadeira que me contou outro dia que foi cativa e que ficou liberta no dia 13 de maio. Disse-me ela, “eu estava empregada como ama de leite de uma criança rica. Meu filho estava sendo criado por uma preta velha, eu não o via senão de mês em mês [...] Quando chegou a notícia de que a Princesa tinha libertado todos os cativos, eu senti uma alegria sem conta e uma tristeza sem nome! Alegre! Poderia viver com o meu filhinho! Triste! Porque me lembrava que minha mãe morreu cativa e era tão velha! Sempre trabalhou e não pode gozar desse favor da Princesa [...] O meu patrão me disse que daquele dia em diante eu era livre, mas que continuasse a amamentar seu filho. Meu ordenado seria daí por diante de 40\$000 por mês porque o dinheiro era para mim mesma e seria loucura pagar-me o mesmo que pagava a meu senhor, que era um homem rico” (Santos, 1987, p. 164-165).

Maria Clara espantou-se com a história da mulher e fez questão de escrever o fato em *A Mensageira*. Para ela, tornar conhecidas as barbaridades cometidas no tempo do cativo aproxima o público de uma realidade não tão distante,

17. Objeto de estudo de Morgana Carniel no capítulo “A ironia como meio de subversão do discurso em ‘Carta do Rio’, de Maria Clara da Cunha Santos”, da obra *Imprensa feminista e literatura: contribuições da revista A Mensageira* (2019), organizada por Cecil Jeanine Albert Zinani; e de Maria Alciene Neves na dissertação *Os brilhantes brutos de Maria Clara da Cunha Santos*, realizada na Universidade Federal de São João Del-Rei, em 2009.

[...] do homem rico que entendia que o leite que amamentava o seu filho valia cento e vinte mil réis por mês enquanto um outro homem – também rico – recebia o aluguel para consumi-lo em capitosos vinhos e luxuosas ostentações e que no momento em que a ama ficou liberta, só valia o seu leite o terço do seu valor! *Edificante, não acham?* (Santos, 1987, p. 165).

A escritora faz uso de artifícios linguísticos para, singelamente, demonstrar sua opinião crítica. Segundo Morgana Carniel (2019), suas cartas são destinadas a mulheres que compartilham a mesma realidade social da autora, o que lhe permite criar laços de intersubjetividade, essenciais para a interpretação do discurso irônico empregado na coluna.

Outro tema enfatizado por Maria Clara é o prejuízo que o progresso desenfreado acarretou nos centros urbanos. A “Carta do Rio” do volume 6 descreve um episódio curioso, em que uma onça é vista pelo bairro Irajá, no Rio de Janeiro:

Há dias apareceu uma onça pintada lá para os lados do Irajá, e tem pintado o sete a tal onça. Já foi vista muitas vezes pelos moradores daquele bairro. Imagino que a forasteira veio explorar o lugar e ver se lhe convém para trazer a família [...] ou é uma forasteira que procura novos

sítios, certa de que ninguém é proprietário em sua terra; ou é uma apaixonada que procura o bulício das grandes cidades para esquecer amores não correspondidos, ou é uma malvada que pretende abater o nosso orgulho de povo civilizado. A civilização e as onças são incompatíveis (Santos, 1987, p. 83-84).

A escritora pergunta se o animal irá passear em outros bairros da capital nos próximos dias, já que os homens tomaram seu habitat. Termina criticando a urbanização carioca e alerta que a fauna sofrerá com esse processo. No exemplar 16, escreve sobre o povoamento de áreas próximas de florestas e matas fechadas:

A formosa Tijuca vai ser devastada pela civilização! A eletricidade vai ter ingresso naquelas matas seculares, é o que noticiam as folhas da capital. Daqui a alguns anos, quando a Tijuca estiver cortada de bondes e avenidas, quando as confeitarias e casas de modas ostentarem suas vistosas placas, quando houver coretos para as bandas marciais [...] os pássaros que agora cantam e alegam aqueles sítios fugirão em demanda de outros lugares, onde possam viver em liberdade; as árvores frondosas terão caído, derrubadas para dar passagem aos veículos e espaço para modernas construções [...] Pobre Tijuca. Maldita civilização! (Santos, 1987, p. 245).

Maria Clara comenta que a Floresta da Tijuca será destruída e junto com ela espécies raras de animais e plantas desaparecerão. Por fim, aponta que esse projeto causará um desequilíbrio ambiental, com duras consequências à população.

*A Mensageira* tem 22 crônicas de 4 escritores. 19 produções segmentam-se em duas seções, “Com ares de crônica” e “Crônica omnímota”. A coluna “Com ares de crônica” foi publicada em 9 volumes, números 3, 7, 8, 11, 15, 16, 20, 28 e 33, e é assinada por Maria Emília. Enquanto a coluna “Crônica omnímota” esteve em 11 edições, números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, e 13, com autoria de J. Vieira de Almeida.

O gênero editorial, segundo Marques de Melo (2003), revelava a opinião dos proprietários nos impressos de pequeno porte. É o caso de *A Mensageira*, em que Presciliana Duarte de Almeida tem a função de apresentar, analisar, clarificar, expor e interpretar os conteúdos para os leitores. Totalizam 10 editoriais, inscritos nos números 1, 5, 8, 12, 24, 27, 30, 35, 36 e 36. O volume inaugural foi usado para mostrar ao público a missão de *A Mensageira* na sociedade.

O gênero resenha noticia e apreende o sentido profundo das obras de arte, situando-as no tempo e no espaço. (Melo, 2003). Em *A Mensageira*, são 23 críticas, escritas por

10 autores. Desses textos, Perpétua do Valle, pseudônimo de Presciliana Duarte de Almeida, é responsável por 8 resenhas, que ajudam o leitor a ter uma noção do mercado cultural oitocentista e auxiliam-no a investir em produções de boa qualidade. Ela avaliou: “A lágrima e o sorriso”, de Maria Jucá; Almeida Junior; exposição de Almeida Junior; *Flor de neve*, de E. de Goes; *Livro das crianças*, de Zalina Rolim; *Phantasias*, de Cândida Fortes; *Plectros*, de Ibrantina Cardona; *Princesa de Clèves*, de Mme. de La Fayette.

O tipo poema se materializa na revista, em grande parte, como soneto. Permeiam as páginas de *A Mensageira* 189 composições de 66 autores, sem uma seção específica. Alguns nomes escreveram uma parcela considerável de poemas, a saber, Presciliana Duarte de Almeida (24), Áurea Pires (20), Silvio de Almeida (10), Delminda Silveira (8), Georgina Teixeira (8), Candido de Carvalho (7), Arthur Andrade (6), Adelina Amélia Lopes Vieira (4), Julia Cortines (4), Manoel Viotti (4).

Para Marques de Melo (2003), no jornalismo, a opinião parte de quatro lugares: a empresa, o jornalista, o colaborador e o leitor. Essas fontes estabelecem os formatos utilizados pelos gêneros textuais opinativos. Portanto, no caso de *A Mensageira*, a organizadora Presciliana Duarte de Almeida é a responsável pelo editorial; os demais

escritores e colaboradores assinam o artigo, a crônica e a resenha; e o leitor escreve sua opinião, por meio da carta. No volume 3, Ibrantina Cardona escreve uma correspondência para Presciliana, que data 03 de novembro de 1897, parabenizando a revista. Relata que essa leitura lhe trouxe satisfação e fê-la esquecer da enfermidade que aniquilava seu corpo. A remetente dedica uma citação de Mme. de Stael à organizadora, “a vós pertence um lugar entre aquelas que bem mostram ser a mulher apta para todos os arrojados do engenho humano” (Cardona, 1987, p. 38). Para ela, Presciliana tem o espírito elevado em favor da instrução feminina, as páginas de *A Mensageira* revelam preciosos frutos intelectuais de mulheres que acompanham a marcha do progresso, sob o triunfo da arte. À título de exemplo, cita: Júlia Lopes de Almeida, autora de uma prosa adorável; Revocata Heloísa de Mello, gaúcha que fundou *O Corimbo*; Andradina de Oliveira, escritora de *Prelúdios*; Luiza Cavalcanti Guimarães, poetisa de *Alvoradas*. Ibrantina Cardona defende que:

A mulher possui todos os dotes com que a natureza dotou o homem, e em nenhum deles tornasse-lhe inferior. Instruída com solidez, ela não será um peso para o seu companheiro, um fardo para a sociedade; mas, sim, um braço forte que lutará com dignidade e altivez para a felicidade da família e para orgulho desta grande pátria (Cardona, 1987, p. 41).

Reitera sua admiração por Presciliana e inclui a oitocentista na galeria de mulheres importantes da época, torcendo para que seu intento consiga erguer a brasileira ao nível da luz.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar sobre a imprensa feminista brasileira do século XIX é essencial para resgatar a tradição literária de mulheres no país, visto que a produção delas só ficou conhecida após o surgimento dos Estudos de Gênero, teoria que investiga a contribuição letrada feminina a partir de fontes primárias, como os jornais. Nesse sentido, levando em consideração o contexto histórico oitocentista, a revista *A Mensageira* foi importante para estabelecer uma rede cultural entre as escritoras brasileiras e estrangeiras, posto que as colaboradoras enviavam seus textos de diferentes lugares. Também, destaca-se o fato de que Presciliana Duarte de Almeida, a organizadora, conciliou a autoria feminina e masculina na folha, um aspecto peculiar para a imprensa da época. Isso fez com que sua circulação fosse maior e chegasse mais longe, dado observado no subtítulo acerca dos aspectos tipográficos. Ademais, no tópico sobre as seções, há uma visão geral do conteúdo presente em *A Mensageira*, destacando os principais autores de cada gênero textual e as temáticas de suas criações.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Tarcísia Maria Travassos de. O contínuo genérico presente na capa de jornal. **Revista Investigações**, Recife, v. 25, n. 2, p.133-155, jul. 2012.

ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). **A Mensageira**: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1 e 2.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, Agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 1994.

CAGNIN, Antonio Luiz. Diabo Coxo, o primeiro Jornal Ilustrado de São Paulo (1864-1894). **D. O. Leitura**, São Paulo, 13(149), out. 1994.

CARDONA, Ibrantina. Carta. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). **A Mensageira**: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

CARNIEL, Morgana. A ironia como meio de subversão do discurso em “Carta do Rio”, de Maria Clara da Cunha Santos. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert (Org.). *Imprensa feminista e literatura: contribuições da revista A Mensageira*. Caxias do Sul: Educs, 2019. p. 157-182.

CRUZ, Heloísa Faria. **Na cidade, sobre a cidade: cultura letrada, periodismo e vida urbana. São Paulo 1890-1915**. 1994. Tese (Doutorado) – Doutorado em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

DARNTON, Robert. **O Iluminismo como negócio**: história da publicação da “Enciclopédia”, 1775-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil: 1880-1920*. Petrópolis: Vozes, 1979.

FIGUEIREDO, Antonio. **Memórias de um jornalista**. São Paulo: Editora Unitas Ltda, 1933.

GONÇALVES, Janice. **Música na cidade de São Paulo (1850-1900): o circuito da partitura**. O Circuito da Partitura. 1995. 5 v. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura Impressa e Educação da Mulher**: lições de política e moral no periódico mineiro o mentor das brasileiras (1829-1832). 2008. 249 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.



MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2001

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela;

MARTINS, Fernando Cabral. **Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português**. Lisboa: Caminho, 2008.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MIÉGE, Bernard. A sociedade tecida pela comunicação. São Paulo: Paulus, 2009.

MILLER, Carolyn. Gênero como ação social. In: DIONÍSIO, A. P. & HOFFNAGEL, J. C. (orgs.) **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009, p. 21- 44. Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel.

MINARD, Philippe. Agitation in the work force. In: DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (Editors). **Revolution in Print**: The press in France 1775-1800. Los Angeles; London: University of California Press, 1992.

MOREL, Marco. **As transformações dos espaços públicos**: Imprensa, Atores Políticos e Sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840). São Paulo: HUCITEC, 2005.

NEVES, Lucia M. B. P. Uma nova cultura política. In: NEVES, Lucia M.B.P; MOREL, Marco (Orgs.) Colóquio História e Imprensa, Rio de Janeiro, Uerj, 1998.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

ROCHA, Clara. **Revistas literárias do século XX em Portugal**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985.

SANTOS, Maria Clara da Cunha. Brilhantes brutos. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). **A Mensageira**: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. Citação. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). **A Mensageira**: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

*Recebido em: 22/03/2022*

*Aceito em: 06/12/2023*